

Eu posso citar a arte. Eu posso citar a ciência, que também é uma forma que funciona socialmente e que implica numa apropriação de conhecimento, produção e apropriação de conhecimento. Então eu reconheço a debilidade inicial desse conceito, porque eu quero concretizá-lo ao longo da minha exposição. Então, vamos partir da idéia de que o jornalismo é uma forma social de conhecimento, lembrando que isso é genérico, que a arte e a ciência também o são. Então vamos tentar diferenciar o jornalismo. Ou seja, buscar agora a especificidade do jornalismo, como forma social de conhecimento.

Mas, para isso, eu preciso discutir alguma coisa de filosofia, se não, não vai ser possível, nós chegamos até um conceito mais concreto. Porque, vejam bem, nós temos que subir aos ramos mais abstratos do saber, que é a filosofia, para podermos chegar então ao concreto, ao contrário do que pensa o senso comum, né..., de que as teorizações, as reflexões abstratas são um caminho sem retorno para a vida, elas podem ser um caminho sem retorno, eu posso fazer uma filosofia, uma teorização que acaba se perdendo numa lógica abstrata, e aí eu tenho a generalidade abstrata que eu falei naquele momento. Mas de qualquer maneira, para chegar ao concreto, eu preciso chegar a esses níveis e depois retornar para o conhecimento concreto, quer dizer, apreender, então, fazer o trabalho de retorno dessas categorias para o concreto. Categorias são conceitos amplos, né..., de qualquer teoria ou de qualquer ciência.

Há três categorias, ou há três conceitos que nós vamos usar para buscar esse conceito de jornalismo, para buscar essa definição de jornalismo. São categorias de larga tradição na filosofia clássica, especialmente na filosofia clássica alemã, especialmente em Hegel,

que são as categorias do singular, do particular e do universal. Veja bem, seria importante até que vocês me interrompessem, se isto não ficar absolutamente claro, no sentido de que se a minha opinião não ficar absolutamente clara, não quer dizer que vocês concordem, para que a gente possa seguir adiante, para vocês entenderem todo o meu raciocínio e poder, inclusive, criticá-lo depois. Tá? Isso é essencial, essas três categorias.

Essas três categorias, nós podemos fazer algumas afirmações sobre elas.

1) Primeiro, elas são dimensões reais e objetivas do mundo. Eu vou tentar provar para vocês que as categorias do singular, do particular e do universal, não é uma abstração da cabeça do Hegel, ou da filosofia clássica alemã. São conceitos que representam formas objetivas de existência de todas as coisas no mundo... de todas as coisas no mundo. Vamos pegar o exemplo do Luciano, que está aqui na frente. Né... Vamos aproveitar a presença física dele aqui, vamos tratar ele como uma das coisas do mundo, sem entrar em nenhum mérito específico, né... Bom, eu diria assim, primeira pergunta: mas vem cá, o Luciano é um sujeito singular? O singular é aquilo que não se repete, aquilo que é idêntico só a si mesmo. Né... pôxa, eu sou um sujeito singular, ninguém me entende, eu sou diferente de todo mundo. Eu diria assim, o Luciano é um sujeito singular. Porque? Porque o Luciano tem características - aliás como todos nós - né... que tem características que são só dele. Ele tem características que são especificamente dele. Características físicas, de temperamento, de caráter, etc. Então eu penso que está comprovado que o Luciano é, objetivamente, não é uma

invenção da minha cabeça, um sujeito singular. Mas eu quero provar que o Luciano é também um sujeito particular e universal.

Então eu diria o seguinte, para mostrar como ele é particular de várias formas. O Luciano, pertence a um grupo de pessoas que usa óculos, ao qual eu também pertence. Então o Luciano já tem uma característica que, objetivamente, pertence a um grupo de pessoas. Ou eu poderia dizer, de outra forma, o Luciano é estudante de comunicação, portanto, ele objetivamente pertence a um grupo particular, ou seja, ele tem características iguais a um determinado grupo. Não a todos, mas também, não exclusivamente a si mesmo. Ele tem características que correspondem a um determinado grupo. O Luciano faz parte de uma família, de relações de parentesco. O Luciano faz parte da particularidade dos estudantes de comunicação. E, se eu quiser, dos estudantes do Brasil, dos brasileiros. Eu estou falando sempre num grupo limitado. Então, todas as coisas possuem traços de identidade com um grupo limitado. Portanto, todas as coisas, indivíduos, pessoas, pertencem à categoria da particularidade, também. Então nós já comprovamos que o Luciano é singular mas, estranhamente, ele também é particular.

Agora eu vou tentar mostrar para vocês que o Luciano, objetivamente, não é uma invenção minha, ou dos conceitos, é também um universal. Eu perguntaria, é errado eu afirmar que o Luciano é um ser humano. Absolutamente, é uma característica essencial do Luciano o fato de ser humano, o fato dele pertencer a esta categoria universal dos seres humanos.

Então eu penso ter dado, por comprovado, né... através do exemplo do Luciano, que todas as coisas no mundo, no universo, existem pelo menos em três dimensões: o singular, o particular e o universal. Correto? Isso é um pressuposto essencial para a gente discutir mais adiante o jornalismo.

2) Mas é preciso aprofundar mais um pouco essa relação. Vejam bem, estas categorias, estas características do Luciano, existe sempre numa determinada relação entre si. Ou seja, o particular é sempre particular em relação a um singular e em relação a um universal. Ele não é um particular por si mesmo. Porque? Vou tentar demonstrar que essa relação é sempre - me permitam, a grosseria - relativa, né... se trata de uma relação dialética. Porque isso? Porque eu posso partir do raciocínio seguinte: que a singularidade do Luciano é o fato dele ser um estudante de comunicação, que a particularidade dele é o fato dele ser um brasileiro e que a universalidade dele é o fato dele ser um ser humano. Então eu estabeleci uma nova relação entre o singular, o particular e o universal. Eu posso dizer que a singularidade do Luciano é o fato dele ser um brasileiro, a particularidade é o fato dele ser um latino-americano, e a universalidade é o fato... o fato dele ser um ser humano, de novo. Quer dizer, eu posso estabelecer relações variadas, mas sempre o meu particular tem a ver com o universal e o singular, e o meu singular tem a ver com o universal e o particular. É sempre uma relação amarrada. É sempre uma relação atada, né, não existe um singular fixo, até porque eu posso considerar que o Luciano é o universal, os órgãos que o compõe, né, são o particular, e as células são singulares. Posso considerar dessa forma. O

importante é saber que existe uma relação mútua.

3) E mais. Sempre, em cada uma das dimensões estão presentes as demais. Essa é a terceira característica dessas categorias que também é fundamental para nossa discussão posterior do conceito de Jornalismo.

Significa o seguinte. No conceito de universalidade, ou seja, um ser humano, estão de alguma forma, no conceito de ser humano estamos de alguma forma presentes todos nós, que somos seres humanos individuais e singulares, não é verdade? Quer dizer, se eu digo ser humano, de alguma forma eu estou incluído, vocês estão incluídos. Então, de alguma forma, no universal estão contidos os casos singulares e particulares. Agora, se eu digo Luciano, de alguma forma nesse singular está contido o gênero humano, dentro do Luciano, o Luciano faz parte, portanto, dentro dele, está contido o gênero humano. Então o que eu quero que fique... o que eu quero que fique é o seguinte. É que em cada uma dessas dimensões as demais estão presentes, mas estão presentes de forma subjacente, de forma superada, ou seja, estão presentes como se fossem dormidas, como se fossem dissolvidas. Elas não só se relacionam entre si, dialeticamente, permanentemente, e formam um sistema, como em cada uma delas as demais estão presentes. Não existe singularidade pura, que não esteja presente dentro dela a particularidade e a universalidade. E não existe universalidade pura, sem que dentro da universalidade estejam dissolvidos todos os casos. Se eu cheguei à conclusão que matéria atrai matéria na razão direta das massas e etc., etc. é porque isso corresponde a todos os casos experiências humanas que mostraram que os objetos caem. Então os casos singulares

estão ali.

Bom, agora nós podemos dar um passo adiante no conceito de jornalismo. Eu diria então o seguinte, já num nível de abstração, já num nível de concretização mais elevado, né. O jornalismo é uma forma social de conhecimento, mas não de um conhecimento qualquer, de um conhecimento cristalizado no singular. Vejam bem, o conhecimento pode se cristalizar, ou pode se apresentar, sob a forma do universal. Se alguém me diz uma lei da química ou da física, trata-se de um conhecimento real sobre o mundo e que, não obstante, está formulado universalmente. Então eu me aproprio, eu conheço o mundo através de uma formulação de um conhecimento que se cristaliza no universal. A ciência é, por excelência, a forma de conhecimento baseada no universal. O que é que interessa à ciência? Interessa à ciência se o Pedro, o Paulo ou o João, no caso a Sociologia, tomam determinadas atitudes, não interessa isso à ciência, interessa à medida em que os grupos sociais, ou que tipo de pessoas, ou que classes sociais tomam determinadas atitudes. Então, a generalização é a base da ciência, a universalização é a base da ciência.

Agora o que eu estou tentando defender é que o jornalismo é uma forma de conhecer o mundo que não tem base na universalidade, mas ao contrário, é uma forma de conhecimento que se cristaliza no oposto da universalidade, que é uma singularidade.

É uma forma de conhecimento que surge, historicamente, com base no desenvolvimento das relações capitalistas e com base na indústria. Eu diria que o desenvolvimento das relações capitalistas, o fato de que com o capitalismo a sociedade se tornou um único sistema

universal, o sistema cambiante, o sistema dinâmico, o capitalismo é o primeiro sistema na história humana que tornou a humanidade um gênero, efetivamente interligado, a nível internacional, a nível mundial, o gênero humano é todo interdependente, ele forma um sistema só. E aliás o imperialismo foi a chave, né, do desdobramento dessa universalização do mundo que, não obstante, está posta e tem o seu caráter de progresso, também, de um lado, né? O próprio colonialismo tem, de um lado, digamos assim, o seu caráter de progresso, né, evidentemente que eu não estou defendendo o colonialismo, né, ao contrário. Mas essa universalização que a humanidade... hê... produziu, com base inclusive na violência, na expropriação, na exploração, ela mantém uma base hoje que é universal, que é, portanto, esse sistema único que a humanidade forma.

Então, é esse sistema único que gerou a necessidade do Jornalismo. Porque? porque antes da existência desse sistema, nós tínhamos um conhecimento genérico e universal sobre o mundo, mas tínhamos um conhecimento baseado no singular sobre a realidade imediata. Por exemplo, a realidade da nossa casa, a realidade dos nossos vizinhos, ou a realidade de um... de um... de um sujeito na idade média, que morasse num povoado ou numa vila, ele tinha um conhecimento, como nós temos hoje na nossa casa, e nos nossos vizinhos, nas nossas relações diretas, um conhecimento do mundo, pela sua feição singular, ou seja, eu vejo o mundo acontecendo e mudando na sua imediatividade, na sua manifestação específica, na sua manifestação... hê... digamos assim... hê... superficial, na sua manifestação fenomênica, eu percebo o mundo mudando à minha volta.

Agora eu não tenho uma relação baseada na singularidade com o mundo ao qual eu hoje estou ligado, que é o mundo entendido de forma internacional, de forma universal, eu não tenho meios pessoais para me relacionar diretamente com este mundo. E é precisamente em cima desta necessidade que surge o jornalismo, como uma forma de conhecimento que vai cumprir um papel semelhante ao papel que cumpre a percepção individual da singularidade dos fenômenos, só que agora é como se nós nos relacionássemos com a imediatez do mundo, mas o nosso mundo não é mais a aldeia, né, o nosso mundo é uma aldeia global, o nosso mundo é a totalidade do universo humano. Então vejam que essa pré-condição histórica é essencial ao jornalismo. Era preciso que mundo se tornasse único, interligado e dinâmico, para que surgisse a necessidade de que as pessoas se relacionassem com este mundo, de alguma forma semelhante à maneira como elas se relacionam pessoalmente com seus acontecimentos do dia-a-dia.

Era necessário que surgisse o jornalismo. E essa necessidade veio acompanhada, também de uma base material, e até pode-se dizer que, em parte, ela gerou essa base material. E essa base material é a indústria. Se não houvesse o desenvolvimento da indústria, que é a base da própria universalização da humanidade, do desenvolvimento capitalista, não haveria a possibilidade do jornalismo, que inicialmente surgiu como jornal, né, na metade do século passado, os jornais com características mais ou menos modernas, começam a surgir na metade do século passado. Mas hoje o jornalismo não é mais apenas aquilo que é comunicado através dos jornais. No meu entendimento, e agora nós vamos aprofundando o conceito de jornalismo, o jornalismo é uma forma de conhecimento baseado no



singular, com base na indústria, e, digamos assim, que supre uma necessidade [...]

... mas uma forma, que está intimamente ligada a essa... [...]

... A força do jornalismo é precisamente a singularidade. Os professores, que tem uma atividade empírica, no jornalismo e tal, mesmo que não teorizem sobre o problema, eles ensinam, nos ensinam na Escola: olha, ao invés de dizer que o sujeito era muito alto, diga que ele tinha um metro e noventa, né, eu estou me lembrando de um exemplo que o Nilson Lage dá. Ao invés de dizer que o Sarney estava nervoso, quando anunciou o último Cruzado, diga no seu texto que suas mãos tremiam, entende, digam que ele tinha o senho carregado. Mas não escrevam: o Sarney estava nervoso, porque (caracte...) porque estar nervoso - quer dizer, claro, eu não estou dizendo uma fórmula aqui, que nunca deva se escrever isso, mas só fazendo uma comparação relativa - quer dizer, a singularidade, aquilo que é menos generalizante, digamos assim, é o que tem mais força no jornalismo.

São as características específicas, os detalhes, porque eu preciso montar um quadro que tenha uma certa semelhança com a minha percepção imediata, das coisas que eu vejo ao meu redor, então é daí que decorre a grandeza e a força do jornalismo, o fato de ele reproduzir coisas distantes, pelo ângulo do fenômeno, ou seja, pelo ângulo da sua singularidade. Interessa, vocês se recordam quando os professores ensinam a fazer o "lead", eles dizem o seguinte: você deve fazer o "lead" a partir daquilo que é mais exótico, estranho ou diferente. Então é um exemplo que sempre... sempre é dado, né, desde o meu tempo. He... Se o sujeito matou o outro, roubou a

carteira na frente da delegacia, comecem por aí: em frente a delegacia, ontem e tal...fulano de tal, roubou a carteira. Se um velho, por exemplo de noventa anos, mata alguém, o bom jornalista, prático, começaria assim, com noventa anos de idade... heau... puxando a faca, o revólver trinta e oito e tal... Quer dizer, então, o aspecto vivo, o aspecto central do conhecimento que o jornalismo deve formular, é a singularidade, é a singularidade. Então é por isso que eu conceituei o jornalismo como uma forma de conhecimento cristalizado no singular, e uma forma que surge historicamente, que surge historicamente a partir de condições sociais, materiais e técnicas.

Agora, é evidente que essa forma de conhecimento, ela recebe uma inflexão ideológica segundo a visão daquele, digamos assim, dos intermediários, dos veículos, ou dos indivíduos que o reproduzem. Então com isso eu não estou negando que o jornalismo também trafica, ao reconstruir o mundo, também trafica uma concepção sobre o mundo. Isso é evidente, porque todo o conhecimento social, e o jornalismo é um conhecimento social, envolve um determinado ponto de vista sobre a história, sobre a sociedade e sobre a humanidade. E como a humanidade, a história é um processo que está em construção, naturalmente, não existe um jornalismo puramente objetivo, ou seja, um jornalismo que seja absolutamente e neutro. Mas não por motivos de ordem psicológica, como dizem os manuais, né, como diz "O que é o jornalismo" do Clóvis Rossi, né. Não é por motivos psicológicos, porque o indivíduo está de alguma forma envolvido, né, porque... , não é por causa disso, é porque toda forma de conhecimento pressupõe também um posicionamento do sujeito diante do objeto